



O Trigo e o Joio

F. T. Wright

Este estudo foi publicado na revista *The Messenger of Living Righteousness*, em Março de 1967, com o título original "Wheat and Tares".

Começaremos por dizer que este artigo não é, a saber, um estudo completo sobre a questão muito vital e interessante da parábola do trigo e do joio.

Não é isto, mas uma resposta a uma objecção, pois, desde que a separação como tema tem estado diante de nós, aqueles que se opuseram a essa verdade refugiaram-se fortemente, assim eles sentem, nesta parábola. Tão confiantes estão de que esta é a última palavra sobre o assunto que se pode garantir que, da mesma forma quando levantada a questão da separação, certamente, na apresentação do assunto do trigo e do joio argumentam que estes ficam juntos até ao fim.

Mas por parte daqueles que o fazem é evidenciado um pensamento apenas de nível superficial e uma falha em ver que isto é apenas uma má aplicação das Escrituras de uma forma perigosa. Além disso, usar assim a parábola é colocar-se numa posição da qual só se podem libertar admitindo que a parábola não é, em qualquer sentido, um argumento contra a separação de hoje. Isto vamos mostrar em breve.

Em primeiro lugar, vejamos e saibamos ao que deve a parábola ser aplicada no que diz respeito à separação, pois há, sem dúvida, separação ensinada na parábola. Tem havido muitas separações no passado das igrejas e organizações caídas e apostadas. A questão é, disse Jesus a parábola para ilustrar a experiência do Seu verdadeiro povo nestas separações? O facto é que, se o fizesse, a parábola seria válida em relação à separação actual. Mas na realidade Jesus não estava a falar dessas separações, mas da "grande separação *final* dos justos e dos ímpios". Leiamos todo o testemunho como está escrito:

“A grande separação final dos justos e os ímpios, descrevera-a nas parábolas *do trigo e do joio* e da rede de pescar.” {DTN 231}, *O Desejado de todas as Nações*, 333.

Agora, o simples facto do caso é que quando Jesus estava a falar da separação *final*, Ele não estava a falar de outra, mas da separação *final*. Também não poderia ter dito essa parábola para a aplicar a essa e outras separações, porque as condições são tão diferentes em cada caso que seria impossível. Portanto, aplicar essa parábola a outras separações que não a separação *final* é simplesmente *aplicar mal* as Escrituras e tentar usá-la para ensinar aquilo que Jesus nunca pretendeu ensinar.

E além disso, usar assim a parábola como nunca foi destinada a ser usada, é colocar-se numa posição realmente muito difícil. É, de facto, uma posição em que alguém se encontra a si mesmo encurralado sem resposta. E isto acontece porque, se a parábola é realmente válida como argumento contra a separação hoje, então *sempre foi válida como argumento contra a separação desde que foi dita pela primeira vez*. Esse é princípio simples e óbvio e não pode ser violado ou alterado para satisfazer algum argumento específico. Isso é óbvio em qualquer reflexão. A maravilhosa consistência das Escrituras exige que assim seja.

E sendo assim, então, conclui-se que *se* o argumento for verdadeiramente válido hoje, todos os grupos que se separaram desde que a parábola foi falada pela primeira vez, estão totalmente condenados por se terem separado. Nunca deviam ter-se separado. E quem são os “eles” em questão? Porquê? Eram a Igreja Apostólica, os Reformadores, um e todos os que se retiraram de Roma, e certamente os crentes do advento do século passado (XIX).

Por isso, o facto é que todos os que procuram usar a parábola para argumentar contra e condenar os que hoje se separam, estão, ao mesmo tempo, a condenar totalmente todos aqueles que se separaram no passado. Significa que, na sua opinião, nunca deveria ter havido qualquer separação. Significa que o Movimento do Advento foi um erro. Significa que a Mensagem do Segundo Anjo deve ser negada. Significa que os Reformadores deviam ter ficado entre o joio em Roma até hoje. E levar isso até às últimas consequências, significa que os Apóstolos nunca deveriam ter saído da Igreja Judaica.

Este é o canto inevitável em que tal uso da parábola colocará uma pessoa. Desta maneira a única conclusão de alguém que defenda ou promova esta opinião, para ser coerente, deve voltar imediatamente à antiga Igreja Judaica. Mas estamos confiantes de que todos deixarão a ideia de condenar qualquer um dos que se juntaram às grandes reformas do passado, ou de voltar a juntar-se à antiga Igreja Judaica. Mas *terão eles tanto a honestidade como a coragem de admitir que o próprio argumento que conduz a esta conclusão não é razoável e deve ser abandonado? Será que podemos ter a certeza de que este falso argumento não mais será ouvido?*

O fracasso tem sido constatar que existem duas separações e que cada uma está numa categoria própria. Este foi o mesmo erro que os judeus cometeram por não serem capazes de ver as duas vindas de Jesus e as *diferenças* entre as duas vindas das quais as profecias relativas a uma eram específicas a essa e não podiam ser *aplicadas* a outra. Corremos o grande risco de cometer o mesmo erro, mas não devemos, em caso algum. Agora é demasiado tarde na história para cometer tais erros.

Outro erro básico em relação a esta parábola reside na incapacidade de ver que há três classes, e não apenas duas. Um estudo da parábola das virgens sábias e loucas à luz do seu primeiro cumprimento tornará este ponto muito evidente. O primeiro cumprimento da parábola ocorreu na ascensão do Grande Segundo Movimento do Advento, como se prova por um estudo de *O Grande Conflito*, 393-493.

E a pregação dessa mensagem desenvolveu *três classes distintas*. No primeiro caso, houve os que naquelas igrejas recusaram a mensagem e, portanto, não foram ao encontro do Noivo. Portanto, *não podem ser chamados de virgens e também não podem ser chamados de joio*. Podíeis considerá-los

como espinhos e abrolhos, pois não são, *obviamente*, como o trigo, enquanto o joio se assemelha muitíssimo ao trigo até à colheita e à *separação final*.

A *segunda classe* são as virgens loucas que em todos os aspetos são as mesmas que as sábias, excepto porque não têm uma experiência pessoal na justiça. Vede *Parábolas de Jesus*, 411 {PJ 223}, e *O Grande Conflito*, 394. *Agora notai cuidadosamente que estas se juntaram com as prudentes na sua separação daqueles que não foram classificados como virgens e não saíram para ir ao encontro do Noivo. E é de notar também que estas continuaram juntas até ao julgamento, a porta foi fechada e então as duas classes foram separadas numa separação final.*

Vede também que essa separação *final*, tal como aconteceu então, *só dizia respeito à separação das virgens prudentes das loucas*, ou, como deve ser óbvio, *com o trigo e o joio*, exactamente como Jesus disse que ia ser. E deve ser evidente que o trigo e o joio, devem *primeiro ser separados* dos restantes antes de poder haver a separação *final* que não separa o trigo e joio do resto, mas apenas uns dos outros.

O aviso mais solene de todos —e eu gostaria que isto pudesse ser escrito em letras de fogo para que ninguém o perca — *é que aqueles que se recusam a participar na primeira separação não podem ter qualquer participação na segunda e, portanto, estão eternamente perdidos*. Vejam o que aconteceu àqueles que se recusaram a sair nos dias de Cristo e da Igreja Apostólica. Nunca mais foram contados entre o povo de Deus. Vede novamente a mesma descrição nas Igrejas da Reforma e do Advento. Os que se recusaram o chamamento nunca mais foram contados entre o povo de Deus. Estejamos em alerta hoje!

Amigos, o simples facto é que a parábola do *trigo e do joio* está a referir-se à grande separação *final e nada mais*. Estejamos atentos ao terreno extremamente perigoso de *aplicar mal as Escrituras*. Pode muito bem custar-nos a nossa vida eterna.

Tradução de:
J. Fernandes

PORTUGAL
2022